

Fiestas Populares y Ritualidades – El Día de los Muertos em Mexico

No México, as festividades do Dia de Todos os Santos e Dia dos Mortos são realizadas de 28 de outubro (dia de S.Judas Tadeu) a 2 de novembro. Essas festividades envolvem a maioria da população, das autoridades federais, municipais e eclesiásticas às pessoas ditas “comuns”. Consistem em um dos traços de identidade cultural que une os povos mexicanos em todo o país. Trata-se de uma identidade baseada no transcendental, que ultrapassa os limites da vida e atinge os níveis simbólicos da morte, unindo, em seus rituais, os mortos e os vivos.

A cerimônia do Dia dos Mortos é também um ritual de integração social, quando os familiares e amigos mortos, através da mesma trilha dos *senderos luminosos*, vêm comemorar com os vivos a prosperidade e o legado que construíram para seus sucessores¹.

Durante essas festividades, mortos e vivos rompem as barreiras da alteridade e do antropocentrismo, e se confraternizam. As relações, nesse momento obedecem a uma ética fenomenológica, estabelecida pelos limites mais profundos e obscuros, para as sociedades ocidentais, que são os limites entre a vida e a morte. Essa nova dimensão, estranha e atraente, é o objeto da nossa pesquisa sobre a história cultural mexicana.

Delumeau (2003) observa que as relações com os mortos foram durante muito tempo ambíguo. Todas as civilizações tradicionais, incluindo, em certa medida, a Europa cristã, comportaram-se como se acreditassem na “sobrevivência do duplo”. Aquelas sociedades acreditavam que os mortos, o corpo e a alma continuavam a viver e que poderiam retornar aos lugares onde haviam vivido. Segundo o autor, eles eram menos “mortais que a-mortais”, pelo menos durante certo tempo.²

¹ - Alfred Tozzer,, M. *A Maya Grammar*, (unabridged republication), New York: Dover. 1921] (1977), p.15

² -Morin, E. – *L'homme et la Mort*. Paris, Le Seuil, 1970, p. 132-56

Os mortos eram tratados como se ainda estivessem próximos dos familiares. Inspiravam medo e, muitas vezes tranquilidade. Dessa crença, decorriam atitudes complexas, temores e solidariedade.

Delumeau explica o receio que os mortos, sem sepultura ou falecidos de maneira violenta, infligiam aos vivos perturbando “como fantasmas, a sociedade dos vivos – o que se tentava impedir por múltiplos ritos, - mas também familiaridade baseada na convicção de solidariedade entre os vivos e os mortos”.³

As estreitas e afetuosas entre os mortos e os vivos explicam a realização, pelos familiares e amigos, de rituais e demais práticas culturais para lembrar e prestigiar os seus mortos. Essa aproximação também fortaleceu os laços de identidade entre os membros dos grupos sociais envolvidos com as pessoas falecidas.

Philippe Ariès (2003) escreveu um longo trabalho sobre como o cristianismo aproximou os mortos dos vivos. As suas observações fundamentam os estudos sobre a morte. Embora nossa pesquisa seja sobre festas e ritualidades no dia dos Mortos, as informações de Ariès são consideráveis para explicar as práticas culturais realizadas para os mortos.

Para o autor, a aproximação entre vivos e mortos manifestou-se particularmente pelo agrupamento dos túmulos em torno das sepulturas dos santos. O espaço da Igreja preferido era junto aos túmulos dos mártires. Mais tarde, foram criados cemitérios nas proximidades das igrejas, mas os sepultamentos continuaram frequentes no interior dos santuários.

Deve-se ressaltar que os mortos, colocados sob a proteção dos santos e de suas relíquias, desempenham uma dupla função. Além de ajudar os outros mortos que acabavam de chegar ao local, eles também atendiam aos pedidos dos vivos. A estreita relação, instituída pelo cristianismo, entre vivos e mortos explica a criação da festa de Todos os Santos e, depois, da dos Mortos. O seu caráter coletivo subtendia a

³ -Delumeau, Jean – O que sobrou do Paraíso. SP., Cia das Letras, 2003 , p.491

continuidade do laço entre vivos e mortos, fato que foi confirmado pela instauração da festa dos Mortos.⁴

No México pré-hispânico, os enterramentos seguiam quase a mesma ordem. Eram realizados em lugares sagrados, perto dos cerros ou templos, junto com seus deuses, representados pequenas estátuas, além de um cachorro, que acompanhava o morto para que ele não errasse o caminho para o *Mictlán* (lugar dos mortos). Uma vez por ano, em agosto, retornavam para rever seus familiares e participar das festas organizadas em sua homenagem.⁵

Essas manifestações religiosas e profanas permanecem no imaginário de grande parte da população mexicana, com suas ressignificações, especialmente onde predomina a mestiçagem ou em comunidades indígenas. Elas integram a cosmovisão de grande parte da população até os dias atuais.

Nosso interesse neste projeto sobre *Festas Populares e Ritualidade: Dia dos Mortos no México*, é divulgar a cultura popular de algumas sociedades americanas com o intuito de levar ao conhecimento de maior número de pessoas que a vida cotidiana de um povo, o seu dia-a-dia, é fundamental para a construção dos elos de identidade, reciprocidade e sentimento comum de “mexicanidade”.

Sobre a festa para os mortos, encontramos valiosos relatos nas obras dos cronistas espanhóis do século XVI, especialmente os Freis Diego Durán, Bernardino de Sahagún, Bartolomé de Las Casas, Toríbio de Motolinia e outros cronistas, além dos códices Florentino, Aubin, Ramírez, Azcatitlán entre outros consultados. A obra de Bernal Diaz Del Castillo, soldado que participou da expedição de Cortéz, é uma das memórias mais completas sobre a vida cotidiana dos astecas. As obras atuais de etnohistoriadores mexicanos, como Alfredo Lopez Austin sobre “los Hombre-Dioses”, e as pesquisas recentes de Eduardo Matos Moctezuma sobre a morte entre os *náhuas*, são fundamentais para a compreensão das práticas e representações realizadas para os mortos no México atual.

⁴ -Delumeau, Jean – Op. cit., p.493/5

⁵ - As informações descritas por Jean Delumeau sobre os rituais e práticas no México não correspondem às fontes pesquisadas e aos relatos. Por isso, não serão consideradas neste trabalho. Delumeau, op. cit., p.491.

A importância dos relatos dos cronistas do século XVI, que estiveram no México ainda na década de 1520, deve-se ao fato de eles terem conhecido aquelas populações antes da destruição ocasionada pelas guerras contra o Império Asteca e a tomada da capital Tenochtitlán. Eles foram testemunhas da visão de mundo daqueles povos, de suas práticas cotidianas, de suas crenças e representações culturais.

A riqueza dos detalhes, dos rituais, das datas, locais nos incentivaram a ampliar os estudos sobre aquelas representações, especialmente sobre a grande festa e a que mais mobiliza as comunidades que são as celebrações realizadas nos dias dedicados aos mortos .

As festas realizadas revelam o sincretismo entre as religiões indígenas e o catolicismo. O que nos chamou a atenção foram as permanências culturais que se manifestavam, reproduzidas pelo imaginário popular e memória coletiva, durante aqueles rituais.

Nosso interesse foi despertado para a compreensão daquelas práticas. Até que ponto elas reproduziam as representações dos antigos mexicanos ou as práticas cristãs ibéricas. Para isso, tornaram-se necessárias novas pesquisas para analisar o encontro da cultura cristã com a cultura celta que deu origem à comemoração do Dia de Finados.⁶ No século XI, o calendário litúrgico cristão incorporou o Dia de Finados, que deveria cair de novembro para não se sobrepor ao Dia de Todos os Santos, comemorado no dia primeiro daquele mês.

Para análise dos registros das festas religiosas ou rituais vinculados à vida cotidiana, adotamos os pressupostos da história oral que

“ implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado...garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a seqüência histórica e sentir-se parte do contexto em que vivem “⁷.

⁶ Os celtas tinham no seu calendário a festa conhecida como Samhain⁶, também conhecida como o Dia das Almas .

⁷ -Meihy, Jose CarlosS.- Manual de Historia Oral.S.Paulo, Loyola, 1996, p. 18

A fase preliminar das pesquisas de campo foi realizada no povoado de Ocotepc, cerca de vinte km de distância do centro de Cuernavaca. As técnicas de coleta de dados mais utilizadas em pesquisa de campo consistem na observação, seguida da entrevista para posterior aplicação de questionários.

Dessa forma, de acordo com Triviños(1998)⁸, a observação de um fenômeno, implica em que ele seja abstraído de seu contexto, para que possa ser estudado em suas diferentes dimensões, tais como atos, significados e relações. Esses dados permitirão obter “informações sobre as questões levantadas, além de constituírem importantes fontes para os estudos”⁹.

As visitas realizadas, em Ocotepc e centro da cidade de Cuernavaca, nos dias de Todos os Santos e dos Mortos nos proporcionaram as primeiras impressões locais sobre aquelas celebrações.

Na fase de coleta de dados junto às comunidades selecionadas, os procedimentos adotados foram os referentes ao *observador não participante*, isto é ,

“o observador não se envolve com o contexto a ser observado, realizando suas observações à distância, sem participar como membro da situação”¹⁰.

Todas as entrevistas são de moradores das comunidades visitadas em Ocotepc, centro de Cuernavaca e Cidade do México. Apesar de desempenharem funções sociais diferenciadas em suas atividades profissionais, têm algo em comum que os aproxima, o envolvimento com a organização das festas para o Dia dos Mortos. Alguns são apenas participantes, mas a maioria consiste em participantes/organizadores . Entre eles há fabricantes de velas para as cerimônias, parentes de pessoas falecidas recentemente, padre da Igreja Católica, professores, alunos, funcionários públicos e vendedores ambulantes de flores dos mortos - a “*cempasúchil*” – flor de quatrocentas pétalas, velas, bebidas e comidas.

⁸ - Triviños, A.N.S. – Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais.S.Paulo, Atlas, 1995, In Moura, M.L.Seidl de -Manual de Elaboração de projetos de Pesquisa.RJ. Eduerj,1998, p.65

⁹ Moura, M.L.- op. cit., p. 65

¹⁰-Idem, op. cit. ,p.69

Na celebração do ciclo da vida e da morte não podiam faltar representações dos quatro elementos da vida (terra, vento, fogo e agua). A flor *cempasúchil* simbolizava os mortos, pelo cheiro forte e desagradável. Os mexicanos acreditavam, que as cores vivas das flores amarelas ajudavam os defuntos encontrar o caminho de volta à sua casa.

O suporte metodológico para os trabalhos de campo os estudos e as indicações de Julie Cruikshank (1998)¹¹. foram fundamentais para a pesquisa . Para ela, as expressões “ tradição oral” e “história oral” continuam ambíguas porque suas definições mudam no uso popular, esclarece Cruikshank. Muitas vezes tradição oral identifica um conjunto de bens materiais preservados do passado, assim como pode significar transmissão de informações do passado. Já história oral, é uma expressão mais especializada, destaca a autora, que em geral se refere a um método de pesquisa.

A tradição oral também é vista como um sistema coerente e aberto para construir e transmitir conhecimentos, observa Cruikshank. A tradição oral e a pesquisa acadêmica, podem ter idéias diferentes acerca do que seja uma evidência legítima, e suas explicações certamente são estruturadas de forma diferente. Não sendo possível compará-las facilmente ou avaliar sua precisão ou veracidade necessariamente em termos positivistas. Assim os trabalhos acadêmicos podem ser entendidos como outra forma de narrativa, estruturada pela linguagem do discurso acadêmico¹² .

As explicações e considerações metodológicas introduzidas por Julie Cruikshank, são essenciais para delinear o nosso campo de estudo. As entrevistas com os moradores de Octopec e os seus relatos nos traduziram o universo mental das tradições sobre as práticas culturais realizadas durante as festividades do dia dos Mortos, através das

¹¹ - Cruikshank ,Julie- Tradição Oral e História Oral – revendo algumas questões. In Usos e Abusos da História Oral. Ferreira, Marieta de Moraes e Amado , Janaina .RJ, FGV.1998, p.149/167

¹² -Cronon, William- A place for stories: nature, history and narrative.Journal of American History, 78(4):1.347-76,março de 1992, Apud Cruikshank ,Julie- Tradição Oral e História Oral – revendo algumas questões. In Usos e Abusos da História Oral. Ferreira, Marieta de Moraes e Amado , Janaina .RJ, FGV.1998, p.149/167

lembranças, da memória e das tradições que envolvem o imaginário da comunidade sobre aqueles rituais.

No México, durante a realização das festividades para a celebração dos rituais do Dia dos Mortos, as práticas culturais e as representações simbólicas dos antigos mexicanos, náhuas, podem ser observadas pelas marcas que permanecem na organização e realização das cerimônias, revestidas de caráter sagrado e profano .

As representações simbólicas contidas naqueles rituais se traduziam em visíveis marcas de coesão do grupo, elementos de construção e manutenção da identidade da comunidade.

Essas manifestações religiosas integram a cosmovisão de grande parte da população mexicana, especialmente onde predomina a mestiçagem ou comunidades indígenas. São rituais que continuam sendo celebrados no México até os dias atuais e que têm atraído grande número de visitantes

Os procedimentos teóricos desenvolvidos por Paul Ricoeur serão valiosos para a compreensão dos relatos, para ele “tanto as tradições quanto as narrativas orais são constituidores e produtores de inteligibilidade do texto escrito reunindo e significando os múltiplos eventos passados na tessitura da trama”¹³.

Além do apoio teórico da história cultural, as novas abordagens introduzidas pela História Oral destacam o valor dos relatos orais na construção de novos temas .Elas se tornam estratégias inovadoras quando aplicadas para análise e interpretação das narrativas, como fundamento de um sistema relacional de estruturas. Essa estratégia possibilita relacionar fenômenos sociais como práticas culturais e representações simbólicas no tempo e no espaço, bem como relacionar as práticas do presente com as representações do passado, construindo dessa forma uma história cultural para o epifenômeno apresentado.

As cerimônias realizadas para lembrar os mortos consistem em tradições populares e que fazem parte dos mitos de fundação ou de origem das comunidades. Elas passam de geração em geração através das narrativas orais e dos relatos de memória, geralmente dos mais velhos, que se incumbem da transmissão das práticas culturais e representações simbólicas de seus antepassados.

¹³ -Ricoeur, Paul –Tempo e Narrativa. 1994 e La Mémoire, l’Histoire,l’Oubli .2000

As narrativas orais recuperam as práticas culturais e a forma como foram registradas e reproduzidas pelo imaginário do grupo. Essa recuperação pela memória coletiva é uma construção do imaginário, uma versão do fenômeno original, que se imagina ser o real. E nunca irá recuperar os fatos como eram em sua originalidade. No entanto, as lembranças rememoradas traduzirão uma realidade construída sobre fatos imaginados que irá produzir uma nova prática cultural, com apropriações naturais do novo contexto em que se encontra.

A construção dos relatos orais, mesclando o passado e o presente, cristaliza e torna emblemática essa festividade, pois narram e interpretam o passado em um momento particular que é o presente. Os rituais, como práticas culturais, se realizarem num tempo e espaço definidos, constituindo assim um fato social marcante, pois representam o mito do encontro entre mortos e vivos. E, é nesse tempo e espaço que as hierofanias se realizam e que diferenciarão o sagrado do profano. O sagrado da morte (espiritual) e o profano da vida (material).

A contribuição das entrevistas, traduzindo a cultura e o saber popular, aliada às fontes documentais, nos possibilitará oferecer um tratamento histórico a essa questão.

Trata-se de uma problemática que envolve dimensões da cultura popular que ultrapassaram os limites da tradição oral e se constituíram num fato histórico relevante, pois os ritos e as representações simbólicas que fazem parte das narrativas orais e tradições estão inseridos em um tempo e um espaço do passado e do presente.

Bibliografia

- Alfred Tozzer,, M. *A Maya Grammar*, (unabridged republication), New York: Dover. 1921] (1977),
-Morin, E. – L'homme et la Mort. Paris, Le Seuil, 1970, p. 132-56
Delumeau, Jean – O que sobrou do Paraíso. SP., Cia das Letras, 2003, p.491
Meihy, Jose Carlos.- Manual de Historia Oral.S.Paulo, Loyola, 1996, p. 18

Triviños, A.N.S. – Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais.S.Paulo, Atlas, 1995,¹ -
Cruikshank ,Julie- Tradição Oral e História Oral – revendo algumas questões. FGV,
1998
Ferreira, Marieta de Moraes e Amado , Janaina . Usos e Abusos da História Oral.RJ,
FGV.1998, p.149/167
Ricoeur, Paul –Tempo e Narrativa. 1994